

## SEMANA 02 – REPERTÓRIO – A DESIGUALDADE REGIONAL NO BRASIL NÃO É O QUE VOCÊ PENSA, POR CARLOS GÓES

Não é novidade para ninguém que o Brasil seja um país de abismos sociais. Tal percepção não está descolada da realidade. De fato, segundo dados das Nações Unidas, o Brasil está entre os dez países mais desiguais do mundo. Uma das narrativas mais persistentes sobre as desigualdades brasileiras é a da “Belíndia”. Este termo, cunhado pelo economista Edmar Bacha para caracterizar a realidade brasileira, descreve o país como “um país com uma sociedade regional e de classes em tudo semelhante à Bélgica, e outra parte mais pobre, mais rural e mais ao norte, em muitos aspectos remanescente da Índia”. Esse retrato parece intuitivo. Quem já viajou por cidades como São Luís ou Teresina, percebe que, aparentemente, o nível de renda nessas cidades é bem mais baixo do que em Florianópolis ou Curitiba. Parece, portanto, haver um grande abismo entre o Norte e o Sul – ou, nos termos de Bacha: a Índia e a Bélgica. Talvez a lógica da Belíndia fosse verdade na década de 1970, quando Bacha cunhou o termo. Hoje em dia, contudo, a realidade é mais complexa do que tal narrativa. A desigualdade regional no Brasil não é o que você pensa, conforme relata estudo recentemente publicado pelo FMI, feito por mim em co-autoria com Izabela Karpowicz, que utiliza dados muito desagregados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE, para comparar as distintas regiões do Brasil.

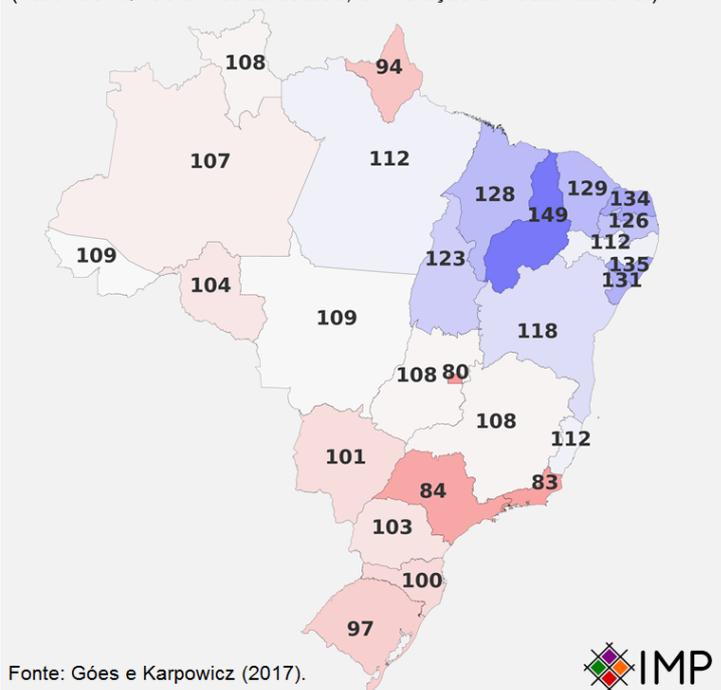
### Custos de vida influenciam as realidades regionais

A primeira dificuldade em analisar as desigualdades regionais brasileiras é que há uma diferença significativa em custo de vida em diferentes regiões do país. Isso é algo que a maioria das pessoas percebe intuitivamente, quando viajam para outras regiões do país e se sentem mais pobres (ou mais ricos) do que em sua cidade de origem, simplesmente porque as coisas lhes parecem mais caras (ou mais baratas) em determinado lugar.

O mapa abaixo, resultado do estudo citado, resume essas diferenças de custo de vida no nível estadual. No Piauí, por exemplo, R\$100 valem “mais” do que a média nacional: ou seja, você consegue comprar mais coisas por cem reais do que na maioria dos estados. Já no Distrito Federal, com R\$100 você compra bem menos coisa do que compraria na maior parte do país. Entre esses dois extremos, há uma grande diferença: no Piauí é possível comprar, com R\$100, quase o dobro de bens e serviços do que no DF (precisamente, 86% a mais).

Uma comparação regional precisa tomar isso em consideração. Se reais “valem mais” em uma região que em outra, é primeiro necessário fazer um ajuste para tornar as rendas das famílias comparáveis – e somente depois calcular onde elas caem nas distribuições de renda estadual e nacional. Este foi (até onde sei) o primeiro estudo a fazer uma análise das desigualdades regionais brasileiras fazendo tal ajuste por poder de compra. Por isso, as diferenças e convergências identificadas por ele não são puramente fruto de diferentes níveis de preço em regiões distintas do país – mas são diferenças verdadeiras, já considerando quanto os reais valem em cada região.

**BRASIL: DIFERENÇAS EM PODER DE COMPRA, 2014**  
(Valor de R\$100 em cada estado, em relação à média nacional)



## O Brasil é um país de convergência nos extremos e divergência nas classes médias estaduais

Além de fazer os ajustes por custo de vida, esse estudo traz uma perspectiva regional muito desagregada – comparando estados não somente em suas médias, mas em diferentes cortes de suas respectivas distribuições de renda. Uma das conclusões mais interessantes é que o Brasil é um país de convergência nos extremos e divergência nas classes médias estaduais. O que isso quer dizer?

Convergência nos extremos significa dizer que os 5% mais pobres de qualquer estado (à exceção de Santa Catarina, o estado menos desigual do país) estão mais ou menos entre os 5% mais pobres do Brasil. O mesmo vale para os 5% mais ricos: quem está entre os 5% mais ricos de qualquer estado também está nos 5% mais ricos do país. Em contraste, as classes médias estaduais divergem muito, denotando grande desigualdade. Um domicílio no meio da distribuição em Alagoas está entre os 30% mais pobres do Brasil. Já um domicílio mediano em SC está entre os 30% mais ricos do Brasil!

É isso que o gráfico abaixo demonstra, mostrando o quão dispersos estão os domicílios em diferentes estados, em diferentes cortes: os 5% mais pobres de cada estado; os domicílios medianos; e os 5% mais ricos de cada estado. Como pode se observar pela dispersão das bolhas (que representam os estados), existe muita desigualdade regional no Brasil, mas ela está concentrada nas classes médias estaduais – e não nos extremos (os muito pobres ou muito ricos) da distribuição de renda de cada estado. Isso faz bastante sentido intuitivo. Para quem mora em barracos sem infraestrutura, não faz muita diferença viver em Manaus ou em Porto Alegre. Do mesmo jeito, aquela parte da elite brasileira que vai comprar Tommy Hilfiger em Miami todo ano, usa MacBook e paga centenas (ou milhares) de reais em uma festa de Réveillon, tem mais ou menos o mesmo padrão de vida independentemente de estar em Aracaju ou Curitiba. Em contraposição, como visto, para as classes médias estaduais (que não são os ricos que acham que são classe média!), sua localização geográfica importa muito para sua posição na distribuição de renda nacional.

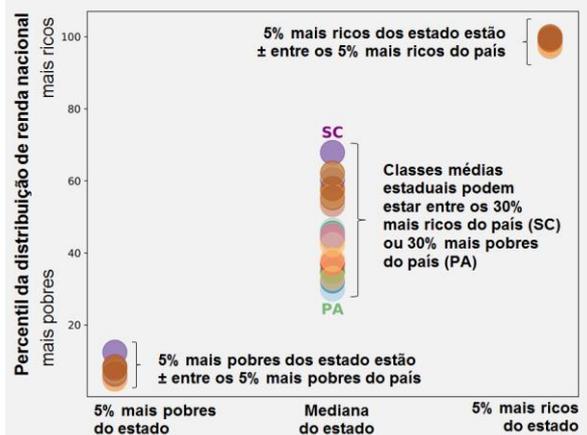
### Brasil versus Brasília?

No gráfico abaixo, que é uma forma mais completa de representar a informação apresentada acima, cada linha é um estado. Ele mostra onde um domicílio em cada percentil da distribuição estadual (eixo horizontal, quanto mais à direita, mais rico) cai na distribuição de renda nacional (eixo vertical, quanto mais para cima, mais rico), depois de feito ajustes por custo de vida local. Perceba que o DF, aquela linha azul clara que na direita acima do gráfico se desprende do resto dos estados, tem uma elite de super-ricos que rapidamente se torna muito mais rica que o resto do país. Mesmo antes de chegar no 1/4 mais rico do DF, um domicílio brasileiro já está entre os 10% mais ricos do Brasil. O alto salário do funcionalismo público federal, que tende a pagar mais para pessoas com escolaridade similar no setor privado, é uma das principais explicações para isso.

### Desigualdade regional no Brasil: muito mais que a Belíndia

A narrativa que divide o Brasil entre um Sul-Sudeste urbanizado e rico – a Bélgica – e um Norte-Nordeste rural e pobre – a Índia – é sedutora. Ela parece confirmar alguns de nossos preconceitos, que usualmente afloram em épocas eleitorais. Contudo, em meados da segunda década do século XXI, tal narrativa não corresponde à realidade. A grande contribuição desse novo estudo é mostrar que o Brasil, muito mais que a Belíndia, é um país com uma Bélgica distribuída em todos os estados (os 5% mais ricos de cada estado), uma Índia distribuída em todos os estados (os 5% mais pobres de cada estado) e muitos países diferentes de renda média (de baixa a alta) separando as classes médias estaduais. E, claro, uma ilha da fantasia, nos bairros ricos do Planalto Central.

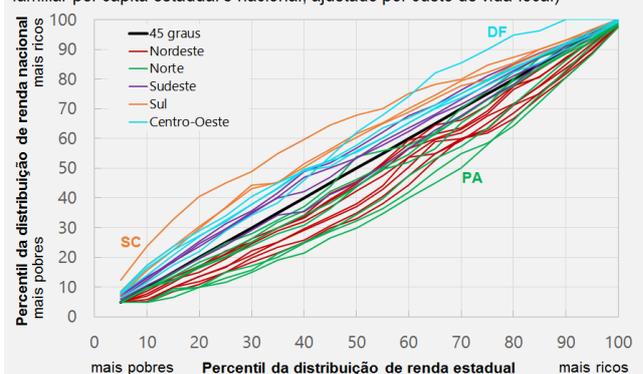
**BRASIL: DESIGUALDADE REGIONAL** (Distribuição de renda familiar per capita estadual e nacional, ajustado por custo de vida local)



Fonte: Góes e Karpowicz (2017)



**BRASIL: DESIGUALDADE REGIONAL, 2014** (Distribuição de renda familiar per capita estadual e nacional, ajustado por custo de vida local)



Fonte: Góes e Karpowicz (2017)

